

Pleurodeles waltl Michahelles, 1830

Salamandra-de-costelas-salientes

Gallipato, Sharp-ribbed Newt

TAXONOMIA E FILOGEOGRAFIA

O género *Pleurodeles* pode ser considerado um dos mais plesiomórficos entre os salamandrídeos e é o grupo irmão de *Tylotriton* do Sudeste asiático (Titus & Larson, 1995). A sua semelhança com os vestígios de *Paleopleurodeles* Herre, 1941, procedentes do Oligoceno da Alemanha, faz supor uma origem europeia no Mioceno, dado que o registo fóssil mais antigo conhecido data de há 23 Ma (Milner, 2000). No entanto, existem algumas dúvidas sobre a identidade destes vestígios (Estes, 1981; Milner, 2000). Em Portugal, os fósseis mais antigos conhecidos para esta espécie provêm do Pleistoceno Superior da Guia (Albufeira) (Crespo, 2001). Actualmente, o género *Pleurodeles* inclui três espécies: *P. waltl* Michahelles, 1830, que se distribui pela Península Ibérica e Noroeste de Marrocos, *P. poireti* (Gervais, 1935), localizado no Norte da Argélia e Tunísia, e *P. nebulosus* (Guichenot, 1850), restrito à península de Edough (Annaba), na Argélia (Carranza & Wade, 2004). Estudos moleculares recentes reconhecem dois clados no seio de *Pleurodeles waltl* cuja fronteira geográfica coincide, aproximadamente, com o rio Guadalquivir: um clado luso-espanhol distribuído a norte e a oeste deste rio, e outro a sul e a leste, que também ocorre na zona Norocidental de Marrocos. As populações do Levante espanhol poderiam pertencer a este último clado, que teria colonizado o leste peninsular a partir das populações béticas orientais, mas ainda não foram estudadas. A separação dos dois clados poderá ter acontecido no Messiniano (Veith et al., 2004) ou, mais recentemente, no Plioceno (entre 3,5 e 2 milhões de anos; Batista et al. 2003, Carranza & Arnold 2004). Baseando-se na existência de múltiplos haplótipos na Península Ibérica e apenas um em Marrocos, Carranza & Arnold (2004) sugerem que as populações marroquinas resultaram de uma colonização muito recente, possivelmente mediada pelo homem. No entanto, Batista et al. (2003) detectaram novos haplótipos em Marrocos, sugerindo uma colonização transmarinha natural, ainda que recente.

DISTRIBUIÇÃO GLOBAL

Esta espécie ocupa os dois terços meridionais da Península Ibérica e o Noroeste de Marrocos. As populações são muito mais

abundantes no Sul e no Ocidente peninsular, tornando-se mais raras no Leste e no Norte (Montori & Herrero, 2004). O seu limite Norocidental situa-se na bacia do rio Ave. No interior, atinge maiores latitudes, ocorrendo nas zonas baixas de Zamora, Alto Douro e Trás-os-Montes, até ao limite norte conhecido, em León, onde também ocupa as zonas mais baixas e orientais desta província na bacia do rio Esla. Não se encontra nos Montes de León nem na Cordilheira Cantábrica. No Oriente peninsular, o seu limite situa-se nas províncias de Cuenca e de Tarragona, no litoral, ultrapassando em poucos quilómetros o rio Ebro. Em Marrocos, distribui-se sobretudo numa área triangular cujos vértices corresponderão a Ceuta, Souk Jemêa des Oulad Abbou e Annoceur, sempre em zonas húmidas e sub-húmidas (Bons & Geniez, 1996). Carretero et al. (2004a) descrevem a sua presença em Al Jadida, na costa atlântica marroquina, sugerindo a revalidação de algumas observações antigas e duvidosas, situadas ainda mais a sul (Bons & Geniez, 1996).

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL

Ocorre de forma quase contínua na metade meridional, onde é muito abundante, e estende-se para o norte pelo litoral, e pelas zonas mais continentais do interior, desenhando uma distribuição em forma de U no território português. A distribuição altitudinal vai desde o nível do mar até cerca dos 900 m, embora a maior parte das observações se situe abaixo dos 500 m. Desaparece em zonas de precipitação anual igual ou superior a 1000 mm e, em geral, nos ambientes tipicamente atlânticos. A sua distribuição é quase complementar à de *Chioglossa lusitanica* e muito semelhante à de *Pelobates cultripes*. O seu limite Norocidental, indicado em estudos anteriores, correspondia ao rio Mondego (Godinho et al., 1999, Montori & Herrero, 2004). No entanto, publicações recentes e prospecções realizadas no âmbito deste projecto, deslocaram aquele limite cerca de 150 km para norte, até à região do Mindelo e Póvoa de Varzim, na bacia do rio Ave (Malkmus, 1999c). As localidades Norocidentais são todas exclusivamente litorais, e só na região da Figueira da Foz se estendem gradualmente para o interior. No Centro do país, os limites de distribuição situam-se nas Serras de Alvelos, Muradal e Gardunha. No interior, penetra

mais para norte, atingindo a bacia do rio Douro, onde se conhecem actualmente muitas localidades na região do Alto Douro, até à fronteira com Espanha, em Zamora. A observação mais setentrional em território português realizou-se em Bragança, no Parque Natural de Montesinho.

CONSERVAÇÃO E AMEAÇAS

A espécie está amplamente distribuída no Sul, onde apresenta populações numerosas que têm resistido bem à poluição de alguns meios aquáticos. No entanto, nas últimas décadas, a perda de habitat, a introdução do lagostim-vermelho-da-Louisiana (*Procambarus clarkii*), o abandono das actividades tradicionais e a expansão urbanística têm vindo a causar a regressão das suas populações em muitas regiões. Cruz et al. (2006) referem que a presença de peixes exóticos e do lagostim-vermelho-da-Louisiana afectam negativamente a capacidade reprodutora de *P. waltl* em massas de água permanentes e temporárias por se alimentarem de ovos, larvas e adultos, chegando a causar extinções locais. Em algumas zonas do Alentejo, a substituição de sobreirais e montados por campos de cereais tem provocado o desaparecimento de pontos de água e das populações que neles ocorriam. Por último, a intensificação da frequência dos incêndios florestais nos últimos anos pode provocar uma redução substancial das populações de *P. waltl* por perda do habitat terrestre envolvente.

Albert Montori e Gustavo A. Llorente

